

## O verme

Parecia um verme branco, com seu chapéu de palha e um cigarro de Bali pendurado no lábio inferior. Todas as manhãs eu o via sentado num banco da Alameda enquanto eu me metia na Librería de Cristal para folhear livros. Quando levantava a cabeça, através das paredes da livraria que de fato eram de vidro, lá estava ele, imóvel, entre as árvores, olhando para o vazio.

Suponho que terminamos nos acostumando um com o outro. Eu chegava às oito e meia da manhã e ele já estava lá, sentado num banco, sem fazer nada além de fumar e ficar de olhos abertos. Nunca o vi com um jornal, com um sanduíche, com uma cerveja, com um livro. Nunca o vi falar com ninguém. Em certa ocasião, observando-o das estantes de literatura francesa, imaginei que dormia na Alameda, num banco ou na entrada de um edifício de alguma das ruas próximas, mas depois conjecturei que estava limpo demais para dormir na rua e que certamente se hospedava em alguma pensão das vizinhanças. Era, constatei, um animal de costumes, tal como eu. Minha rotina consistia em levantar cedo, tomar o café da manhã com minha mãe, meu pai

e meu irmão, fingir que ia para o colégio e pegar um ônibus que me deixava no centro, onde dedicava a primeira parte da manhã aos livros e a passear e a segunda a ir ao cinema e, de uma maneira menos explícita, ao sexo.

Os livros, costumava comprar na Librería de Cristal e na Librería del Sótano. Se tinha pouco dinheiro, na primeira, onde sempre havia uma mesa de saldos, se tinha dinheiro bastante, na última, que era a que tinha novidades. Se não tinha dinheiro, como acontecia com frequência, costumava roubá-los indistintamente numa ou noutra. Fosse como fosse, no entanto, minha passagem pela Librería de Cristal e pela Librería del Sótano (em frente à Alameda e situada, como seu nome indica, num porão) era obrigatória. Às vezes chegava antes do comércio abrir e então o que fazia era procurar um ambulante, comprar um sanduíche de presunto e um suco de manga e esperar. Às vezes sentava num banco da Alameda, um que fica escondido no meio da vegetação, e escrevia. Isso tudo durava aproximadamente até as dez da manhã, hora em que começavam em alguns cinemas do centro as primeiras sessões matinais. Procurava filmes europeus, mas em algumas manhãs de inspiração não discriminava o novo cinema erótico mexicano ou o novo cinema de terror mexicano, o que no caso era a mesma coisa.

O que mais vezes vi creio que era francês. Falava de duas moças que viviam sozinhas numa casa de subúrbio. Uma era loura, a outra ruiva. A loura tinha sido abandonada pelo namorado e ao mesmo tempo (ao mesmo tempo que a dor, quero dizer) tem problemas de personalidade: acredita que está se apaixonando por sua companheira. A ruiva é mais moça, é mais inocente, é mais irresponsável; isto é, mais feliz (embora eu, na época, fosse moço, inocente e irresponsável, e me acreditasse profundamente infeliz). Um dia, um fugitivo da justiça entra sub-repticiamente em sua casa e as sequestra. O curioso é que a

invasão ocorre precisamente na noite em que a loura, depois de fazer amor com a ruiva, decidiu se suicidar. O fugitivo se introduz por uma janela, faca na mão, percorre pé ante pé a casa, chega ao quarto da ruiva, ele a domina, amarra, interroga, pergunta quantas pessoas mais moram ali, a ruiva diz que só ela e a loura, amordaça-a. Mas a loura não está em seu quarto e o fugitivo começa a percorrer a casa, mais nervoso a cada minuto que passa, até que finalmente encontra a loura caída no porão, desmaiada, com sintomas inequívocos de ter engolido toda a farmácia da casa. O fugitivo não é um assassino, em todo caso não é um assassino de mulheres, e salva a loura: ele a faz vomitar, prepara-lhe um litro de café, obriga-a a tomar leite etc.

Passam-se os dias e as mulheres e o fugitivo começam a ter mais intimidade. O fugitivo conta a elas sua história: é um ex-ladrão de bancos, um ex-presidiário, seus ex-companheiros assassinaram sua esposa. As duas mulheres são artistas de cabaré e uma tarde ou uma noite, não se sabe, vivem com as cortinas fechadas, fazem uma representação: a loura se afunda numa magnífica pele de urso e a ruiva finge que é a domadora. No início, o urso obedece, mas depois se rebela e com suas garras vai despojando pouco a pouco a ruiva de suas roupas. Finalmente, já nua, ela cai derrotada e o urso pula em cima dela. Não, não a mata, faz amor com ela. E aqui vem o mais curioso: o fugitivo, depois de ver o número, não se apaixona pela ruiva mas pela loura, isto é, pelo urso.

O fim é previsível mas não carece de certa poesia: numa noite de chuva, depois de matar seus dois ex-companheiros, o fugitivo e a loura fogem com destino incerto e a ruiva fica sentada numa poltrona, lendo, dando tempo a eles antes de chamar a polícia. O livro que a ruiva lê, notei da terceira vez que vi o filme, é *A queda*, de Camus. Também vi alguns filmes mexicanos mais ou menos do mesmo estilo: mulheres que eram seques-

tradas por uns sujeitos sinistros mas no fundo boa gente, fugitivos que sequestravam senhoras ricas e mulheres jovens e no fim de uma noite de paixão eram varados a bala, bonitas empregadas domésticas que começavam do zero e que depois de passar por todos os estágios do crime alcançavam os mais altos patamares de riqueza e poder. Na época, quase todos os filmes que saíam dos Estudios Churubusco eram thrillers eróticos, mas também não escasseavam os filmes de terror erótico e os de humor erótico. Os de terror seguiam a linha clássica do terror mexicano estabelecido nos anos 1950 e que estava tão arraigada no país quanto a escola muralista. Seus ícones oscilavam entre o Santo, o Cientista Louco, os Vaqueiros Vampiros e a Inocente, adereçada com modernos nus interpretados preferivelmente por desconhecidas atrizes norte-americanas, europeias, uma ou outra argentina, cenas de sexo mais ou menos dissimulado e uma crueldade nos limites do risível e do irremediável. Os de humor erótico não me agradavam.

Uma manhã, enquanto procurava um livro na Librería del Sótano, vi que estavam rodando um filme na Alameda e me aproximei para xeretar. Reconheci de imediato Jaqueline Andere. Ela estava sozinha e olhava para a cortina de árvores que se erguia à sua esquerda quase sem se mexer, como se esperasse um sinal. A seu redor havia vários focos de luz. Não sei por que me passou pela cabeça a ideia de lhe pedir um autógrafo, nunca me interessaram. Esperei que acabasse de filmar. Um sujeito se aproximou dela e conversaram (Ignacio López Tarso?), o sujeito gesticulou com irritação, afastou-se por um dos caminhos da Alameda e, depois de hesitar por uns instantes, Jaqueline Andere se afastou por outro. Vinha diretamente em minha direção. Eu também saí andando e nos encontramos no meio do caminho. Foi uma das coisas mais simples que aconteceram comigo: ninguém me deteve, ninguém me disse nada, ninguém se interpôs entre Jaqueline e mim, ninguém me perguntou o que eu estava

fazendo ali. Antes de nos cruzarmos, Jaqueline parou e virou a cabeça para a equipe de filmagem, como se ouvisse alguma coisa, embora nenhum dos técnicos tivesse dito nada. Depois continuou andando com o mesmo ar de despreocupação em direção ao Palácio de Belas-Artes, e a única coisa que tive que fazer foi parar, cumprimentá-la, pedir um autógrafo, esconder minha surpresa ao constatar sua baixa estatura que nem sequer os sapatos de salto agulha conseguiam dissimular. Por um momento, tão a sós estávamos, pensei que teria podido sequestrá-la. A mera probabilidade me arrepiou os pelos da nuca. Ela olhou para mim de alto a baixo, o cabelo louro com uma tonalidade cinza que eu desconhecia (pode ser que tivesse pintado), os olhos castanhos amendoados muito grandes e muito doces, mas não, doces não é a palavra, tranquilos, de uma tranquilidade espantosa, como se estivesse drogada ou tivesse o encefalograma plano ou fosse uma extraterrestre, e me disse uma coisa que não entendi.

A caneta, disse, a caneta para eu assinar. Procurei no bolso do meu blusão uma esferográfica e a fiz assinar a primeira página de *A queda*. Arrancou-me o livro da mão e ficou olhando para ele alguns segundos. Suas mãos eram pequenas e muito finas. Como quer que assine, perguntou, como Albert Camus ou como Jaqueline Andere? Como quiser, respondi. Embora ela não tenha erguido o rosto do livro, notei que sorria. Você é estudante?, perguntou. Respondi afirmativamente. E o que faz aqui em vez de estar assistindo à aula? Acho que nunca mais vou voltar para a escola, falei. Que idade você tem?, perguntou. Dezesseis, respondi. E seus pais, sabem que você não vai à escola? Não, claro que não, respondi. Você não respondeu a uma pergunta, disse ela erguendo o olhar e pousando-o em meus olhos. Que pergunta?, indaguei. O que está fazendo aqui? Quando eu era moça, acrescentou, os garotos matavam aula nos bilhares ou nos boliches. Leio livros e vou ao cinema, respondi. Além do mais,

não mato aula. Sei, você pratica evasão escolar, disse ela. Desta vez fui eu que sorri. E que filmes se veem a esta hora?, perguntou. Todos, respondi, alguns seus. Isso pareceu não lhe agradar. Voltou a olhar para o livro, mordeu o lábio inferior, olhou para mim e pestanejou como se seus olhos doessem. Depois perguntou meu nome. Bom, assinemos então, disse. Era canhota. Sua letra era grande e pouco clara. Tenho de ir, disse ela devolvendo-me o livro e a esferográfica. Estendeu a mão, trocamos um aperto e se afastou pela Alameda de volta para onde estava a equipe de filmagem. Fiquei imóvel, olhando para ela, duas mulheres se aproximaram dela uns cinquenta metros adiante, vestiam-se como freiras missionárias, duas freiras mexicanas missionárias que levaram Jaqueline até debaixo de um *ahuehuete*.<sup>\*</sup> Depois um homem se aproximou delas, conversaram, depois os quatro se afastaram por um dos caminhos de saída da Alameda.

Na primeira página de *A queda*, Jaqueline escreveu: "Para Arturo Belano, um estudante liberado, com um beijo de Jaqueline Andere".

De repente senti que não estava a fim de livrarias, não estava a fim de passeios, não estava a fim de sessões matinais (principalmente não estava a fim de sessões matinais). A proa de uma enorme nuvem apareceu sobre o centro do DF, enquanto ao norte da cidade ecoavam as primeiras trovoadas. Compreendi que o filme de Jaqueline tinha sido interrompido pela proximidade iminente da chuva e me senti só. Por uns segundos não soube o que fazer, para onde ir. Então o Verme me cumprimentou. Suponho que depois de tantos dias ele também tinha prestado atenção em mim. Virei-me e lá estava ele, sentado no mesmo banco de sempre, nítido, absolutamente real com seu

\* Árvore nacional do México, enorme e frondosa. (N. T.)

chapéu de palha e sua camisa branca. Quando os técnicos de filmagem foram embora, verifiquei assustado, o cenário havia experimentado uma mudança sutil mas determinante: era como se o mar tivesse se aberto e agora desse para ver o fundo marinho. A Alameda vazia era o fundo do mar e o Verme, sua joia mais preciosa. Cumprimentei-o, fiz uma observação banal, caiu um dilúvio, abandonamos juntos a Alameda em direção à avenida Hidalgo e depois caminhamos pela Lázaro Cárdenas até a Perú.

O que aconteceu depois é pouco nítido, como que visto através da chuva que varria as ruas, e ao mesmo tempo de uma naturalidade extrema. O bar se chamava Las Camelias e estava cheio de mariachis e cantores. Pedi *enchiladas* e uma Tecate, o Verme uma coca-cola e mais tarde (mas não deve ter sido muito mais tarde) comprou de um vendedor ambulantes três ovos de tartaruga. Queria falar de Jaqueline Andere. Não demorei a compreender, maravilhado, que o Verme não sabia que aquela mulher era uma atriz de cinema. Fiz saber que ela estava precisamente rodando um filme, mas o Verme simplesmente não se lembrava dos técnicos nem dos aparelhos usados na filmagem. A presença de Jaqueline na alameda em que seu banco ficava havia apagado todo o resto. Quando parou de chover, o Verme puxou um maço de notas do bolso de trás, pagou e saiu.

No dia seguinte voltamos a nos encontrar. Pela expressão que fez ao me ver, pensei que não me reconhecia ou que não queria me cumprimentar. De todo modo me aproximei. Parecia dormir, embora estivesse de olhos abertos. Era magro, mas suas carnes, com exceção dos braços e das pernas, se adivinhavam moles, fofas até, como as dos esportistas que não fazem mais exercício. Sua flacidez, apesar de tudo, era mais de ordem moral do que física. Seus ossos eram pequenos e fortes. Logo soube que era do norte ou que havia vivido muito tempo no norte, o que no caso dava na mesma. Sou de Sonora, disse. Achei curioso, pois

meu avô também era de lá. Isso interessou ao Verme, que quis saber de que parte de Sonora. De Santa Teresa, disse. E eu, de Villaviciosa, disse o Verme. Uma noite perguntei a meu pai se conhecia Villaviciosa. Claro que conheço, disse meu pai, fica a poucos quilômetros de Santa Teresa. Pedi que me descrevesse o lugar. É um vilarejo bem pequeno, disse meu pai, não deve ter mais de mil habitantes (depois eu soube que não chegavam a quinhentos), bastante pobre, com poucos meios de sobrevivência, sem uma só indústria. Está destinado a desaparecer, disse meu pai. Desaparecer como?, perguntei. Pela emigração, disse meu pai, os moradores vão para cidades como Santa Teresa ou Hermosillo, ou para os Estados Unidos. Quando disse aquilo ao Verme, ele não concordou, muito embora na realidade as palavras “concordar” ou “discordar” não tivessem o menor significado para ele. O Verme nunca discutia, tampouco expressava opiniões, não era uma falta de respeito para com os outros, simplesmente ouvia e armazenava, ou talvez só ouvisse e depois esquecesse, capturado numa órbita diferente da das outras pessoas. Sua voz era suave e monocórdia, mas de vez em quando ele subia o tom e então parecia um louco imitando um louco, e eu nunca fiquei sabendo se fazia isso de propósito, como parte de um jogo que só ele compreendia, ou se não conseguia evitá-lo e aquelas subidas de tom eram parte do inferno. Fundava sua segurança quanto à sobrevivência de Villaviciosa na antiguidade do vilarejo; também, mas isso só compreendi mais tarde, na precariedade que o rodeava e o carcomia, aquilo que segundo meu pai ameaçava sua própria existência.

Não era um tipo curioso, embora poucas coisas lhe passassem despercebidas. Uma vez deu uma olhada nos livros que eu levava, um a um, como se tivesse dificuldade ou como se não soubesse ler. Depois nunca mais voltou a se interessar por meus livros, apesar de todas as manhãs eu aparecer com um novo. Às

vezes, talvez porque de alguma maneira ele me considerasse um conterrâneo, falávamos de Sonora, que eu mal conhecia: só tinha ido lá uma vez, para o enterro do meu avô. Nomeava povoados como Nacozari, Bacoache, Fronteras, Villa Hidalgo, Bacerac, Bavispe, Agua Prieta, Naco, que para mim tinham as mesmas qualidades do ouro. Nomeava aldeias perdidas nos departamentos de Nacori Chico e Bacadéhuachi, perto da fronteira com o estado de Chihuahua, e então, não sei por quê, tapava a boca como se fosse espirrar ou bocejar. Parecia ter andado e dormido em todas as serras: a de Las Palomas e La Cieneguita, a serra Guijas e a serra La Madera, a serra San Antonio e a serra Cibuta, a serra Tumacacori e a serra Sierrita, já bem dentro do território do Arizona, a serra Cuevas e a serra Ochitahueca, no noroeste, perto de Chihuahua, a serra La Pola e a serra Las Tablas no sul, a caminho de Sinaloa, a serra La Gloria e a serra El Pinacate em direção ao noroeste, como quem vai para a baixa Califórnia. Conhecia toda Sonora, de Huatabampo e Empalme, na costa do golfo da Califórnia, até os pequenos vilarejos perdidos no deserto. Sabia falar *iáqui* e *pápago* (língua que circulava livremente entre os limites de Sonora e do Arizona) e podia entender *séri*, *pima*, *mayo* e inglês. Seu espanhol era seco, às vezes com um leve ar afetado que seus olhos contradiziam. Passei pelas terras do seu avô, que em paz descansa, como uma sombra sem destino, disse-me uma vez.

Toda manhã nos encontrávamos. Às vezes eu tentava bancar o distraído, voltar quem sabe aos meus passeios solitários, ao meu cinema matinal, mas ele sempre estava lá, sentado no mesmo banco da Alameda, muito quieto, com o cigarro pendurado nos lábios e o chapéu de palha tapando a metade da testa (sua testa de verme branco), e era inevitável que eu, submerso entre as estantes da Librería de Cristal, o visse, ficasse um instante observando-o e por fim fosse me sentar a seu lado.

Não demorei a descobrir que andava sempre armado. A princípio pensei que talvez fosse da polícia ou que perseguia alguém, mas era evidente que não era da polícia (ou que pelo menos não era mais) e poucas vezes vi uma pessoa com uma atitude mais despreocupada com os outros: nunca olhava para trás, nunca olhava para os lados, raras vezes olhava para o chão. Quando perguntei por que andava armado, o Verme respondeu que por hábito e eu acreditei de imediato. Levava a arma nas costas, entre a espinha e as calças. Usou-a muitas vezes?, perguntei. Sim, muitas vezes, disse como em sonho. Por alguns dias a arma do Verme me obcecou. Às vezes a sacava, tirava o carregador e me passava para que a examinasse. Parecia velha e pesada. Geralmente eu a devolvia poucos segundos depois, pedindo que a guardasse. Às vezes era difícil para mim ficar sentado num banco da Alameda conversando (ou monologando) com um homem armado, não pelo que ele pudesse me fazer, pois desde o primeiro instante eu soube que o Verme e eu sempre seríamos amigos, mas pelo temor de que a polícia do DF nos visse, por medo de que nos revistassem e descobrissem a arma do Verme e acabássemos os dois em algum calabouço obscuro.

Uma manhã ficou doente e me falou de Villaviciosa. Eu o vi da Librería de Cristal e me pareceu igual a sempre, mas ao me aproximar dele notei que a camisa estava amarrotada, como se ele houvesse dormido com ela. Ao me sentar a seu lado, notei que tremia. Pouco depois os tremores foram crescendo. Você está com febre, disse eu, tem que ir para a cama. Levei-o, apesar dos seus protestos, até a pensão onde morava. Deite-se, falei. O Verme tirou a camisa, pôs a pistola debaixo do travesseiro e pareceu adormecer no ato, mas com os olhos fixos no teto. No quarto havia uma cama estreita, uma mesa de cabeceira, um armário decrépito. Dentro do armário vi três camisas brancas como a que ele acabava de tirar perfeitamente dobradas e duas calças da mesma cor penduradas

cada uma num cabide. Debaixo da camisa distingi uma maleta de couro de excelente qualidade, daquelas com fecho de caixa-forte. Não vi um só jornal, uma só revista. O quarto recendia a desinfetante, tal como a escada da pensão. Dê-me dinheiro para eu ir a uma farmácia comprar alguma coisa para você, falei. Ele me deu um maço de notas que tirou do bolso da calça e voltou a ficar imóvel. De vez em quando um calafrio o percorria da cabeça aos pés como se fosse morrer. Mas só de vez em quando. Por um momento pensei que o melhor talvez fosse chamar um médico, mas compreendi que o Verme não ia gostar disso. Quando voltei, carregado de remédios e garrafas de coca-cola, ele tinha dormido. Dei-lhe uma dose cavalariça de antibióticos e uns comprimidos para baixar a febre. Depois o fiz beber meio litro de coca-cola. Tinha comprado também uma panqueca, que deixei na mesa de cabeceira, caso tivesse fome mais tarde. Quando eu já ia saindo, abriu os olhos e pôs-se a falar de Villaviciosa.

À sua maneira, foi pródigo em detalhes. Disse que o vilarejo não tinha mais de sessenta casas, dois botecos, um armazém de secos e molhados. Disse que as casas eram de adobe e que alguns pátios eram acimentados. Disse que dos pátios escapava um mau cheiro que às vezes era insuportável. Disse que era insuportável para a alma, inclusive para a falta de alma, inclusive para a falta de sentidos. Disse que por isso alguns pátios eram acimentados. Disse que o vilarejo tinha entre dois e três mil anos e que os nativos trabalhavam como assassinos e seguranças. Disse que um assassino não perseguia um assassino, como é que ia persegui-lo, que isso seria como uma cobra mordendo o próprio rabo. Disse que existiam cobras que mordiam o rabo. Disse que até havia cobras que se engoliam inteiras e que se você visse uma cobra no ato de se engolir era melhor sair correndo porque no fim sempre acontecia algo ruim, como uma explosão da realidade. Disse que perto do vilarejo passava um rio chamado Río Negro pela cor das

suas águas e que estas, ao margear o cemitério, formavam um delta que a terra seca acabava chupando. Disse que as pessoas às vezes ficavam um tempão contemplando o horizonte, o sol que desaparecia detrás do morro El Lagarto, e que o horizonte era cor de carne, como as costas de um moribundo. E o que esperam que apareça por lá?, perguntei. Minha própria voz me assustou. Não sei, respondeu ele. Depois disse: uma piroca. E depois: o vento e a poeira, talvez. Depois pareceu se acalmar e após um instante achei que estava dormindo. Volto amanhã, murmurei, tome os remédios e não se levante.

Saí em silêncio.

Na manhã seguinte, antes de ir à pensão do Verme, dei uma passada, como sempre, pela Librería de Cristal. Quando ia saindo, eu o vi através das paredes transparentes. Estava sentado no mesmo banco de sempre, com uma camisa branca folgada e limpa e calça branca imaculada. O chapéu de palha tapava a metade da cara e um cigarro de Bali estava pendurado no lábio inferior. Olhava para a frente, como era costumeiro nele, e parecia com boa saúde. Naquele meio-dia, ao nos separar, entregou-me com um gesto tosco várias notas e disse algo acerca do incômodo que eu havia tido no dia anterior. Era muito dinheiro. Disse a ele que não me devia nada, que teria feito a mesma coisa por qualquer amigo. O Verme insistiu em que eu pegasse o dinheiro. Assim vai poder comprar uns livros, disse. Tenho muitos, respondi. Assim vai deixar de roubar livros por algum tempo, disse. Afinal, tirei o dinheiro das mãos dele. Passou muito tempo, não me lembro da soma exata, o peso mexicano se desvalorizou muitas vezes, só sei que me serviu para comprar vinte livros e dois discos do The Doors, e que para mim aquela quantia era uma fortuna. Dinheiro não faltava ao Verme.

Nunca mais voltou a me falar de Villaviciosa. Durante um mês e meio, talvez dois meses, nos vimos todas as manhãs e nos

despedimos todo meio-dia, quando chegava a hora de almoçar e eu voltava para casa no ônibus da Villa ou de lotação. Uma ou outra vez convidei-o para ir ao cinema, mas o Verme nunca quis ir. Gostava de conversar comigo sentado em seu banco da Alameda ou passeando pelas ruas dos arredores, e de vez em quando condescendia em entrar num bar onde sempre procurava o vendedor ambulante de ovos de tartaruga. Nunca o vi tomar álcool. Poucos dias antes de desaparecer para sempre cismou de me fazer falar de Jacqueline Andere. Compreendi que era sua maneira de recordá-la. Eu falava do seu cabelo louro acinzentado e o comparava favoravelmente com o cabelo louro cor de mel que exibia em seus filmes, e o Verme assentia levemente, a vista cravada na frente, como se tivesse Jacqueline Andere na retina ou como se a visse pela primeira vez. Uma vez perguntei de que tipo de mulheres gostava. Era uma pergunta cretina, feita por um adolescente que só queria matar o tempo. Mas o Verme a tomou ao pé da letra e demorou um bom tempo matutando a resposta. Por fim disse: tranquilas. E depois acrescentou: mas só os mortos estão tranquilos. E ao fim de um instante: nem os mortos, pensando bem.

Certa manhã, me deu um canivete de presente. No cabo de osso podia se ler a palavra "Caborca" escrita em finas letras de alpaca. Lembro que agradei efusivamente e que naquela manhã, enquanto batíamos papo na Alameda ou enquanto passeávamos pelas concorridas ruas do centro, eu abria e fechava a lâmina, admirando a empunhadura, pesando-o na palma da mão, maravilhado com suas proporções tão precisas. Quanto ao mais, aquele dia foi idêntico aos outros. Na manhã seguinte o Verme não apareceu.

Dois dias depois fui procurá-lo na sua pensão e me disseram que tinha ido para o norte. Nunca mais tornei a vê-lo.